João Marcos Theodoro

Diálogo para o infinito

Cenaculum

Diálogo para o infinito

João Marcos Theodoro

CENACULUM
Vitória • 2026

Diálogo para o infinito

João Marcos Theodoro
Edição digital

Projeto gráfico e diagramação: João Marcos Theodoro
Publicação: Cenaculum
Vitória, 2026
ocenaculum.org

É autorizada a reprodução e a distribuição gratuitas, integrais ou parciais, desta obra, em formato impresso ou digital, desde que sejam preservados o texto e autoria e indicada a fonte.

Nota do Autor

O *Diálogo para o infinito* foi o resultado de dois anos de estudos sobre desenvolvimento pessoal. Esses estudos envolveram a sabedoria grega e romana, alguma espiritualidade e esoterismo e um tanto do fetiche moderno de alta performance. Hoje eu não teria escrito semelhante obra, menos ainda com os pressupostos que ela contém, a saber: a valorização da riqueza, a luxúria, a exaltação dos desejos, o delírio de grandeza espiritual e a ilusão de felicidade material. Tomai-a por obra de juventude e lede-a como um *Noite na taverna* a modo platônico. Talvez haja algum valor literário, e certamente mais literário que moral. Não a condeno, no entanto; não a enjeito. Porque a estimo como um filho natural daquela fase, o rebento espontâneo de uma acumulação de conhecimentos que me serviram imensamente e que, tendo me conduzido ao pináculo de uma mentalidade, por isso mesmo me ganharam superá-la.

João Marcos Theodoro
Julho/2026
Vitória-ES

DIÁLOGO PARA O INFINITO

Os dois jovens amigos saíram na noite de sábado para ver o movimento noturno no centro da conglomeração de bares mais bem frequentada da cidade. A iluminação era bela, e muito mais belas eram as luzes que saíam do peito daqueles dois homens: ambos no seio da vida noturna e, no entanto, acima dela. Em pé, conversavam serenamente, enquanto observavam a movimentação e o divertimento em torno.

DAN — Faz tempo que não vimos a este lugar. Calculo pouco mais de um ano. Vejo que os bares estão mais iluminados; melhorou-se o calçamento das ruas; os canteiros estão mais limpos e airosos; os postes de iluminação agora são mais modernos; até a Lua parece maior e mais túmida, como se excitada pelo brilho recíproco das taças. Só a degeneração humana permanece a mesma.

THEO — Meu caro amigo, desde a última vez que viemos aqui, muita coisa mudou. Não no mundo do cimento duro e da balbúrdia das tavernas, mas no universo calmo e profundo dos nossos espíritos. Lembro-me de que, nesse pouco mais de um ano atrás,

conversávamos, aqui mesmo, sobre a arte de evoluir. Compartilhávamos rotinas, rituais e bons hábitos, bem como modos de pensar e sentir. Mas, responde-me, caro amigo, qual é o motor do evoluir? Por que começamos isso tudo?

DAN — Um alto propósito é o motor do evoluir. Se o sujeito vive segundo as regras de outrem, ele é gado. Se vive conforme as suas próprias regras, mas sem um grande propósito, ele se torna um nada. Apenas tendo um grande propósito é que ele pode alçar o voo da águia.

THEO — Conta-me, então, ó Amigo das Águias, como foi que estabeleceste o teu propósito.

DAN — O propósito não deve ser procurado como se procura um tesouro nas areias das ilhas perdidas ou nos pés de um arco-íris. Não se escolhe um propósito como se escolhe, diante de uma vitrine iluminada, a joia predileta. O propósito é antes descoberto, e reside no próprio sujeito. Ele descobre seu propósito ao fechar os olhos e, o mais sinceramente possível, perguntar-se: "O que eu realmente quero fazer da vida? Que ofício maior amor me engendra e maior entusiasmo?" Após seu Deus interior lhe revelar a resposta, ele pensa em seguida: "Pois estarei então entre os melhores nesse ofício".

THEO — Percebo que o propósito reside no interior de cada um e concordo com as tuas palavras.

Mas não me respondeste. Qual foi, caro Dan, o caminho que percorreste até teu propósito?

DAN — O que me fez despertar, estimado Theo, foi a sede por riqueza. Ao sentir essa sede, deitei a ler obras que prometiam ensinar a arte de ganhar dinheiro, e notei que, entre umas lições e outras, um fator comum se entremeava. Todos os autores mostravam, cada um a seu estilo, que o fazer fortuna dependia unicamente da maneira como o sujeito pensa e sente. Tendo compreendido isso, dei-me a mim mesmo asas e elevei meu pensamento às alturas – determinei: sou um empresário e crio bilhões em fortuna. Eu tinha, então, um propósito alto.

THEO — Palavras auspiciosas! Alegro-me em saber que compartilhamos esse propósito.

DAN — Mas o estabelecimento de um propósito não teria acontecido se eu já não tivesse em mim o desejo de crescer.

THEO — Disso não tenho dúvida. A centelha da evolução chameja em teu peito.

DAN — Agora conta-me tu, amado Theo, como foi que a centelha da evolução deu-se a brilhar em ti?

THEO — Devido a uma insatisfação, caro Dan. Uma insatisfação que ainda me faz vergonha contar, e o não contaria se não fosses amigo de confiança.

DAN — Fica à vontade para ocultar-me o que te envergonha, se assim preferires.

THEO — De modo algum. É grande o prazer em compartilhar com um amigo a própria tristeza. Recusar-me-ia, isso sim, a deixar-te ir embora sem antes ouvi-la.

DAN — Pois conta-ma, que aqui tens ouvidos fiéis.

THEO — Sucede que eu nunca fui expedito no trato para com as mulheres. Mas, quando me pareceu que não havia esperanças, surgiu muito por acaso, enquanto eu navegava pela internet, um anúncio que prometia ensinar qualquer um a como seduzir as mais belas mulheres. O anúncio me conduziu a um material, e ali tudo parecia fazer sentido. Dali descobri outros materiais, e mais outros, e fui avançando. Inicialmente, encontrei fórmulas e regras fixas para o jogo da sedução. "Faça isso, não faça aquilo", eles diziam. Nada disso me contentava e tudo ainda me parecia de difícil aplicação, espírito fraco que eu era. Afundando mais no assunto, descobri que um grande número de mestres defendia abordagens focadas no modo de pensar do homem, no *jogo interior*. Em vez de técnicas de jogo, eles ensinavam crenças a se incorporarem. Foi assim que iniciei a melhoria das minhas crenças, para que minha mente se tornasse mais forte e mais intrépida. Como eu sempre busquei ir ao fundo de todas as questões das quais me ocupei, também dessa arte busquei as regiões abissais, e

desemboquei enfim na Sabedoria. Cessou então o canto da antiga musa, e um poder mais alto se levantou dentro de mim. Vi que a arte de lidar com as mulheres é uma fração diminuta de um campo muito mais extenso, que a abrange, chamado de a arte de viver, a qual a Sabedoria de todos os tempos nos ensina. Tendo descoberto o tesouro mais valioso do mundo – a Sabedoria –, notei que, se eu absorvesse todo ele, eu tornar-me-ia um grande homem, feliz em todos os campos da vida, dos quais a vida amorosa é apenas um. O meu processo evolutivo sempre existiu, mas foi-se tornando cada vez mais consciente e proposital à medida que eu ia dando mais atenção ao aprimoramento do meu modo de pensar e sentir. Em determinado ponto, após muito estudar sobre desenvolvimento humano, pude vislumbrar meu destino e estabelecer alguns propósitos.

DAN — Jamais imaginaria que, tão belo e desenvolto como és, pudesses já ter tido esse tipo de problema!

THEO — Pois sim. De nada vale um porte divino, se a mente é de funcionário público. De todo modo, ó Alma Infinita, hoje essa questão se encontra superada. Agora, quero que percebas isto: através de dois caminhos diferentes, chegamos, um pela arte venusiana, o outro pela crematística, ao mesmo lugar: que, em toda parte, o

sucesso sempre depende de como o indivíduo sente e pensa.

DAN — Temos aí firme consenso. Mas não te apresses em mudar de assunto, antes que me digas como estabeleceste alguns dos teus propósitos.

THEO — Da mesma forma que tu; pois, sendo Deus tudo o que existe, está ele em ti como está em mim, e nos fala tão alto quanto possam nossos ouvidos limitados captar. Fechei os olhos e suspirei: vi a minha imagem do futuro – um empresário sentado sobre bilhões. No entanto, o ramo escolhido foi o da minha afinidade, em respeito ao meu próprio modo de ser, porquanto, se Deus me criou de uma maneira, tendo-me infundido gosto e talento para uma certa área, é nela que prosperarei, independentemente de qual seja, porque em tudo o sucesso nasce do pensamento e do sentimento.

DAN — Só posso concordar contigo, amigo Theo. No entanto, ó Alma Infinita, se bem te conheço, a vida bilionária é pouco para ti.

THEO — Como o é também para ti, por certo.

DAN — Com efeito.

THEO — Pelo que mais anseias, camarada?

DAN — Responde-me tu primeiro, pois primeiro fui em levantar a questão.

THEO — Ah! Tu, que és sábio, fazes teus ouvidos virem bem na frente de tua língua. Pois bem! Começo eu.

A vida bilionária, como eu a tenho para mim, seria apenas o começo de uma aventura. Uma vez sobejando em recursos, darei início a uma série de projetos em prol da humanidade. E nisso haverá grande divertimento.

DAN — Que tipo de projetos tens em mente?

THEO — De semeadura, amado confrade. Lançarei por todo o mundo as sementes do espírito de águia. Promoverei filmes, palestras, seminários, livros e tudo o mais, para acender no coração das pessoas a centelha da evolução.

DAN — Formidável! Quanto prazer e quanto divertimento tu não terás empreendendo essa missão!

THEO — Prazer e divertimento sem fim, de fato.

DAN — O que mais pretendes fazer, nobre amigo?

THEO — Sabes que tenho apreço pela Arte e pela Filosofia. Quero, pois, criar a melhor arte, em forma de poesia e literatura, e na filosofia quero construir um sistema tão verdadeiro e claro quanto minhas capacidades permitirem, somadas ao auxílio de outras mentes talentosas.

DAN — Tua ambição, ó Águia Imperial, não caberia nem em mil vagões. Isso, porém, não é muito para uma alma que abrange e contém todo o Universo. Os homens, cuja substância constituidora é o próprio Deus, mal sabem o Poder que possuem. Tanto mais alto sobem, e tanto mais coisas criam, quanto mais

conscientes estão de sua própria constituição, que é divina. Puro poder.

THEO — E tu, para quem a montanha mais alta não serve nem para exaurir o primeiro fôlego, o que pretendes fazer de mais?

DAN — Tu dirás que te estou copiando, mas acredita em mim: antes mesmo de pensares em falar, eu já tinha esta ideia comigo: também promoverei filmes e palestras e tudo o mais em prol da humanidade. Há, contudo, uma singela diferença entre nós. Nos meus filmes, eu estrelarei como protagonista.

THEO — A julgar por tua desenvoltura e dedicação, isso te será tarefa amena de executar.

DAN — Além disso, protagonizarei clipes musicais de canções de minha autoria.

THEO — Que tipo de canções?

DAN — De amor, o tema que é sempre novo.

THEO — Comporás músicas para a multidão do terceiro degrau[1], uma tarefa auspiciosa e que por certo poderá render altos lucros, ávida que é essa multidão por realizar-se no amor. Com efeito, para os terceiro-degraudistas, tudo que cheira a sexo reluz como ouro.

DAN — Tua avaliação é certeira, estimado Theo. Dela não discordo. Mas tampouco quero que creias que

[1] Da pirâmide de Maslow.

se trata apenas disso. Ouve-me atento, que te direi algo de valia. Todos nós temos uma grande quantidade de Amor dentro de nós. E também ansiamos por nos sentir amados. Grande felicidade é dar e receber amor. Aqueles miseráveis que andam por aí a imprecar contra a humanidade, recitando Augusto dos Anjos e Emil Cioran, que vivem mergulhados num negrume profundo e remoem o ódio que dentro de si produzem, esses desgraçados gemem e uivam porque lhes falta Amor. Querem, como qualquer criatura da Terra, beber o néctar do Amor, mas este lhes foge. Quando, porém, o cálice contendo esse néctar se lhes aproxima, eles cospem-lhe dentro e imprecam, porque querem se vingar do mundo inteiro. Esse labirinto abstruso no qual se encontram possui uma só saída. Não é pela direita, nem pela esquerda: mas para cima e em linha reta. É dando amor e prodigalizando-o que ele retorna por si mesmo e em quantidade muito maior. É dando ódio, outrossim, que este retorna tão sobejamente quanto. Enche o teu cálice de amor e o distribui tanto quanto puderes e quiseres. Com o tempo, terás ainda mais para distribuir. O meu amor, caro Theo, Amigo das Águias, pulula dentro do peito e é tanto que só me resta despejá-lo sobre minhas canções e oferecê-lo a todas as mulheres do mundo. Como nem todo amor é Eros, aos homens também podemos oferecê-lo, através da estima e do carinho que

lhes dispensamos, bem como quando os ajudamos a dar-se conta de suas asas e alar-se para perto das outras águias do céu.

THEO — Amo as tuas palavras, ó Buscador Eterno, são como o próprio néctar do Amor. Mas creio que terás de engolir o restante do discurso, se o há, pois aí vem o nosso amigo vendedor ambulante, com seus cigarros e pirulitos e boa conversa.

REI — Boa noite, meus caros amigos! É grande a minha felicidade em vê-los! Meu ofício é andar por aí vendendo tudo que consome a boa saúde do corpo, porque, por algum motivo, o homem às vezes busca a autodestruição, suicídio paulatino, ou simplesmente não quer cuidar bem da casa que alberga sua alma neste planeta. Por aí ando, é meu ofício, e no entanto ao pé de vocês posso ficar estagnado enquanto continuo trabalhando, já que estamos no centro da festa noturna. Os clientes então é que passam por mim. De modo que sua presença me presenteia, a um só tempo, com bom papo e descanso para as pernas. Vejo que estão fortes e saudáveis, mais ainda do que há algum tempo. Agora, Dan, não me leves a mal, caro amigo, mas de onde tiraste esse chapéu? O ridículo cinge tua cabeça.

DAN — É bom ver-te também, amigo Rei. O chapéu é uma cartola, tu bem o sabes. Mas não me admiro de não veres por aí algo semelhante, ainda que

conheças muitos lugares. Sucede que eu sempre quis usar um desses, e estava esperando a hora certa para fazê-lo com segurança.

REI — A hora certa é quando todos forem dormir, decerto.

DAN — A ideia é justamente destacar a minha imagem. No posto social em que hoje me encontro, e não tendo mais uma mente tão limitadora, eu posso fazer o que quiser. Dou um toque a mais de extravagância e fico no limiar do excêntrico; dessa maneira eu chamo a atenção desejada, gero curiosidade e crio a minha marca. Por onde eu caminhar, serei visto e lembrado.

REI — Eu admiro o teu desembaraço. Fazes o que queres, fluindo no mundo como pluma soprada por hálito divino: viajando sereníssima, porque quem a leva é o Supremo Protetor. Contudo, tua liberdade é da boa justo porque limitada por dois fatores: tu sempre respeitas o teu semelhante, nascido do mesmo Ventre – o Supremo –, e sempre ages conforme a tua natureza, fazendo o que *realmente* queres, ou seja, o que te fala a intuição interior. Então não te conduzes pelo leme das convenções, nem mais pelo das moças peitudas. Elas já te embotaram a cabeça, que eu sei! Devemos seguir essa Voz de dentro, sempre certeira. Eu, por exemplo, uso este cachimbo por onde passo, nele queimo bom fumo, e não me importo quando me olham de lado achando que

estou usando crack. Afinal, como eu poderia controlar a maneira como as pessoas me enxergam?

THEO — Mais fácil seria controlar o assentamento das montanhas. Vejam vocês, Nobres Almas, que, por mais que eu me empenhe, ainda há gente que parece não gostar de mim ou que me condena. Talvez em virtude de murmúrios venenosos, uma antiga colega minha me virou o rosto. Eu nunca soube a razão disso, nem quis saber. Em vez de criar ressentimentos, perdoei-a e lhe transmiti pensamentos de Paz e de Amor. Porque a quem, afinal, ela odeia? Não a mim, por certo, mas à representação que faz de mim.

DAN — Caro Theo, Eterno Voador, embora a clareza permeie as tuas palavras, peço que te expliques melhor.

REI — Eu daqui já entendi tudo.

THEO — Explico com prazer, nobilíssimo Dan. Mas responde-me: o que vemos por aí são fatos, não são?

DAN — São.

THEO — Nós os vemos tais como são ou tais como os representamos?

DAN — Tais como os representamos. Mas, à primeira vista, eles parecem ser exatamente como os representamos.

THEO — Pode ser que sim, mas nem sempre. Em muitas coisas há um toque de interpretação. Responde-me agora: onde está a imagem da minha pessoa?

DAN — Eu poderia dizer que está bem aí; no entanto, pensando bem, o "aí" é o que eu vejo, e tudo o que eu vejo está na minha mente. Ademais, tu podes ir embora, que tua imagem de certa forma permanecerá comigo. Logo, tua imagem está na minha mente.

THEO — Teu raciocínio é escorreito. Agora me responde mais uma coisa: a minha imagem sou eu?

DAN — De modo algum. Tu e tua imagem são coisas distintas.

THEO — Pois bem! Da mesma maneira, aquela moça de que falei antes não me odeia, mas à mera imagem que faz de mim.

REI — Quanto rodeio para um raciocínio.

DAN — Concordo contigo, amigo Theo. Disso se deduz que é vã a busca por aprovação e por agradar a todos. Mais vale a indiferença, ou melhor, uma serena impassibilidade. Enquanto todos opinam, julgam e tornam a face para o outro lado, seguimos voando no céu cheio de águias, cada vez mais alto. Não conhecemos outra coisa senão o subir. Mas, não obstante impassíveis, somos compassivos. Subimos levando tantos quantos pudermos, dentre aqueles que almejam as alturas.

Perdoamos aqueles que nos julgam, mas os deixamos onde escolhem ficar.

REI — Nesse céu cheio de águias a planar, como elas não se batem as cabeças e tombam duras no chão?

DAN — Estimado Rei, Amigo do Sol, teu questionamento é sobre se todos podem ser ricos e prósperos?

REI — Exatamente. Mas não me venhas com aqueles rodeios. Cose o raciocínio em fio inteiro, não por remendos.

DAN — Como preferires, nobre amigo. Mas por remendos, como dizes, é muito mais persuasivo e muito mais elegante, quando a urdidura é boa. Pois bem; perguntas se todos podem ser ricos ao mesmo tempo. E eu, desde logo, assevero que sim. Antes de chegares com teu macacão despojado e as tuas mercadorias, enriquecendo ainda mais esta noite de nossas vidas, falávamos Theo e eu que tudo que o homem deseja conquistar depende da forma como ele pensa e sente. Pensamentos e sentimentos elevados geram ações elevadas, que por seu turno geram resultados elevados. Para se tornar rico, então, o sujeito precisa *já sê-lo* internamente: sentir-se e pensar como rico. Depois, o decurso dos anos mesmo vai fazendo o seu trabalho. Faz tempo que o "mindset" do rico caiu em domínio público. Mas isso ainda não responde à tua pergunta; é apenas

uma preliminar. Guarda bem esta verdade, a mais importante que irás saber: *a mente cria a realidade*. Acrescenta agora esta: *o universo possui infinita abundância*.

REI — Se minha mente criasse a realidade, estimado Dan, estaríamos todos fazendo sexo agora... Com mulheres!... Óbvio... Mas inteligente e sensato como te julgo, creio que possas esclarecer-me a tua afirmação e torná-la mais digerível para mim. Digerível como o ovo, que fortalece as fibras corpóreas, e não como estes doces, que se diluem na boca com grande dulçor mas para dentro levam veneno.

DAN — A afirmação é literal: a realidade observada é o resultado da soma do poder criador de todas as mentes. Explicar-te-ei isso conforme a teoria que me foi ensinada, mas não poderei dela te dar prova. Julga-a por ti mesmo. O universo é feito, em última instância, de ondas. Tudo vibra. Isso, pelo menos, é o que dizem. Se tudo é onda, então teus pensamentos e sentimentos também o são, e, em sendo-o, não ficam contidos dentro do teu corpo, mas saem por aí. Tu estás o tempo inteiro emanando ondas de pensamentos e sentimentos, tanto os da mente consciente quanto os da porção mental incônscia. Semelhante atrai semelhante. Portanto, tua mente é um ímã de tudo aquilo que emana, seja para o bem, seja para o mal. Se tu sintonizares tua mente em determinada estação, obterás exatamente as

sonoridades dessa estação, nada diferente. Se eu fosse tu, me atentaria para o que estou emanando.

THEO — Fascinante a tua explicação, ó Alma Infinita. Pode ser que quem pensa assim esteja muito equivocado, mas de fato é irresistível supor que o pensamento realmente influi na matéria.

REI — Com efeito, amigos nobres. Semelhante tese atrai-nos quase tanto quanto aquelas dondocas que ali vão – a de azul, olhem lá, e a de vermelho. Mas do pensar ao agir vai longo espaço. Dan, aonde vais?

THEO — Foi falar com as garotas que apontaste.

REI — Será interessante assistir daqui ao seu desempenho. Olha lá, Theo, elas estão rindo do chapéu dele!

THEO — *Shit test*.

REI — Chi o quê?

THEO — Apenas pensei alto, nobre amigo. Elas estão atraídas por ele, isso sim. Enquanto Dan conversa com elas, galante como é, não dirá apenas duas palavras, por certo. Enquanto isso, continuarei a responder ao teu último questionamento, se quiseres.

REI — E como o quero! Por favor, estimado Theo, dá-me os complementos finais do assunto!

THEO — Pois bem. Traga fundo o teu cachimbo e, queimando o fumo, enche o ar de vapores, que isso se coadunará com o esoterismo das minhas palavras.

Todavia, será breve, ó Alma Infinita, o que direi, e mesmo assim persuasivo. Sucede que essa verdade é a mesma que está nas Sabedorias de todos os tempos. Os grandes sábios do Yoga, do Sanaatan Dharma, da Kabbalah e de outras doutrinas milenares são unânimes em atestar o Poder de Criação da mente humana. Hermes Trimegisto, o três vezes grande, disse: o universo é mental. Colocou, então, a Mente como a substância fundamental de toda a existência. Até mesmo na Bíblia podemos encontrar essa verdade: conta Mateus que assim disse Jesus certa feita: que tudo que pedirmos em oração, crendo, receberemos. Creio seja essa uma lei natural do universo. E, pelo visto, o nosso amigo Dan fora falar com as moças já crendo que as tinha conquistado, pois aí vem ele sorridente.

DAN — Fiz mais duas amigas!

REI — Tu és um galanteador!

DAN — Tu me compreendes, arguto ambulante. Como é doce o sexo feminino! Eu amo a sua pele macia, seja ela da brancura do alabastro, seja da cor viva do mel; amo os cabelos lisos e os encaracolados, dos louros aos castanhos escuros; amo sua voz melíflua que me chama para o amor e seus beijos que me cobrem a pele. Tudo na mulher encanta e deleita o homem.

REI — Com efeito, uma mulher bem feita e bem cuidada possui valor inestimável, quando a soberbia não

lhe sobe à cabeça e a conspurca toda. Enquanto angariavas tuas amigas, Theo me falava do Poder de Criação da mente. Faz muito sentido. Posso mesmo me recordar de ocasiões da minha vida que corroboram essa ideia. Percebi o valor de levar no coração a segunda verdade que disseste, sobre o universo conter infinita abundância. Ora, se minha mente cria a realidade, crendo eu que vivo em infinita abundância, isso se tornará real. Agora eu vejo que estava equivocado em estocar alimentos.

DAN — Por que estavas a fazer isso?

REI — Tu não crês que existem homens poderosos que controlam as massas?

DAN — De certa forma, sim.

REI — E não achas que lhes seria vantajoso promover uma escassez de alimentos para reduzir o número de pessoas e poder assim melhor controlá-las?

DAN — Vejo que tomaste gosto por criar o raciocínio por remendos.

REI — Estar do outro lado é muito mais prazeroso!

DAN — Para mim é prazeroso de qualquer forma, Alma Infinita. Quanto ao que me perguntaste, respondo que parece plausível, mas bastante improvável.

THEO — Amados confrades, quem tem bom olfato sente que algo não cheira muito bem. Realmente é de suspeitar que as coisas estão sendo levadas por mãos

conscientes para maus caminhos, neste mundo. Mas nada sei sobre isso, e, se soubesse, decerto me calaria.

REI — Se quiseres descobrir quem está no comando, basta veres de quem não se pode falar mal.

DAN — Mudemos de assunto, nobilíssimos amigos, pois lançar aos ventos tais especulações me deixa incomodado.

THEO — Como quiseres, Voador Eterno. Aconselho-te, Rei, a tirares o foco de cima da escassez, pois, se continuares, é isso que irás atrair. Foca na abundância e sê grato pelo que já possuis.

DAN — Sapiente conselho, ó Luz dos Sábios. Quanto poder não possui a Gratidão, e não me perguntem por quê. Através do sentimento sincero de gratidão frente a Deus, a quem devemos tudo, é que nossas riquezas se multiplicam. Ser grato pelas mansões, pelos iates e pelos carros velozes tanto quanto o ser pelo arroz que come, a cama em que dorme e o chão em que pisa. Se sintonizares teu coração na frequência "gratidão", será isso que atrairás para ti, e mais coisas aparecerão que farão com que te sintas grato, sem limite de quantidade ou de qualidade. Ter coisas é bom, e o Universo é pródigo em riquezas para com seus filhos e nada lhes nega, mas o mais importante é *ser*. De nada adianta ter um patrimônio líquido difícil de abranger até mesmo com a ideia e ser infeliz, ingrato e padecer

angústias. Agora, sentir-se grato, feliz e em paz vale mais do que todos os tesouros de todos os planetas. Foquem, pois, em ser antes que em ter.

THEO — Lembro-me de ter te falado sobre a fórmula da criação. Recordas-te?

DAN — Recordo-me sim. Foi muito engenhoso de tua parte colocar as coisas naqueles termos.

REI — Em quais termos, caro Theo?

THEO — Nos seguintes: Decisão + Visualização + Gratidão = Materialização. Coloquei nesses termos porque assim foi que melhor funcionou para mim.

REI — Elucida-nos melhor a tua fórmula pessoal, que talvez a mim também ajude, e eu pare de vender cigarros. Ou abra logo uma fábrica.

THEO — Primeiro, tu deves decidir o que queres. Ora, se ficares saltando de deliberação em deliberação, cada uma contradizendo a outra, nada acontecerá. Quando a primeira estiver se formando, tu a modificarás e então ela terá de começar de novo do início, pois agora já é outra. Então, primeiro, decide sobre o que queres. Tua Voz interior te guiará nisso. Ouve-a. Depois disso, visualiza-te naquela situação, naquele estado emocional ou possuindo aquela coisa que pediste. Fecha os olhos e avive a imaginação. Por fim, sente a imensa Gratidão por já o possuíres. Pensa: *já é meu*, *já sou eu*.

REI — E depois?

DAN — Depois tu deves relaxar sabendo que *já criaste* o que queres. Vai pensar em outras coisas, volta para os teus afazeres habituais. Porque, caso esperes ansioso, nada virá. É como na sedução: se tu fincares os olhos na mulher, vais pô-la constrangida e ela ficará parada temerosa ou se afastará de ti. Então, é melhor enviar o pensamento e esquecer.

REI — Eu poderia utilizar isso para materializar um diamante?

DAN — Até mesmo planetas. Como pensas que Deus criou os universos? O poder de Deus também vibra em ti.

REI — Mas então por que, tentando agora fazê-lo, não consegui criar nem mesmo um grão de areia?

DAN — Porque não acreditas de fato que podes fazê-lo. E teu poder ainda se encontra amortecido, como os nossos, que não somos espíritos excelsos. É preciso elevar o sentimento, imbuindo-o de Amor. Terás tanto poder quanto houver de amor dentro em ti.

REI — Torna-te Deus: é o que me dizes.

DAN — Pois sim. E te digo ainda, em verdade, que já o és, de certa maneira, mas teu ego levanta barreiras entre tua mente e teu Eu verdadeiro.

REI — Foi justo isso que pensei. Como irei amar, se meu ego mo impede com tanto afinco, muralha que é?

DAN — É um processo longo e gradual. Devemos dar início a ele assim que nos sentirmos preparados, e buscar sempre, através de leituras, boas companhias e meditação.

THEO — Existe, nobres amigos, uma ciência magnífica que nos ensina a arte de controlar o Corcel Bravio que é a mente; que toma da nossa mão e nos guia até os campos de Paz, nos dá flores de Amor, canta-nos em Harmonia e brinda com Equilíbrio a nossa alma. Essa ciência é Yoga. Se quiserem limpar seus corações da sujidade de sentimentos vis, observem as *sadhanas* do Yoga, isto é, suas práticas espirituais, e incorporem seus preceitos.

REI — Parece que o caminho para o Amor é bastante longo.

THEO — É longo, mas é também reto, seguro e cheio de flores olorosas por ele todo.

REI — Até lá, continuará meu poder de criação diminuto como agora?

DAN — Teu poder crescerá à medida que tu evoluíres e crescer a tua fé. Mas, de qualquer maneira, acredita em mim: que teu poder seja ora diminuto é uma bênção. Se te fosse concedido grande poder de criação, e não tendo tu ainda domado o Corcel Bravio, ele te despejaria desgraças em profusão, todos os teus medos

emergiriam do inferno e tuas iras vãs assassinariam velhos e infantes pelas ruas.

REI — Compreendo o que dizes, estimado Dan. Os maus pensamentos, de que ainda estamos cheios, viriam à tona da superfície da Terra materializados. Mas não é o meu caso irar-me tanto assim com velhos e infantes.

DAN — Perdoa-me, Rei, fui tomado por um hiperbolismo. De fato o exagero no discurso não é virtuoso. Vejam! Aí vem acompanhado nosso caro amigo Sid!

THEO — Tornou-se isto aqui de fato um encontro de Titãs. Bem-vindo, Sid, à nossa noite de sóbrio diálogo no terreno dos etilistas. Quem é esse que chega contigo?

SID — Boa noite, Ilustres Romanos. Os etilistas me enojam. Fumam, bebem, transam e tudo fazem para reviver esse ciclo. Não estou feliz com este lugar hoje. Esse que apareceu aqui desconheço, nunca vi mais maltrapilho.

DRUG — Com licença, desculpem o incômodo... É que alguém fez a bondade de me dar uma marmita, mas lotou de farinha e eu fiquei atolado. Poxa, algum de vocês pode me comprar um refrigerante para eu me desatolar?

THEO — Toma o resto desta água, companheiro, se quiser. E vai na Paz.

DRUG — Poxa, é que essa água tem gás, e eu tenho refluxo... Tinha que ser uma latinha de refrigerante, se possível.

THEO — Mas refrigerante também tem gás.

DRUG — Pô...

THEO — Não te irei comprar nada... Vaza daqui.

DAN — Que inconveniente...

SID — Como puderam vocês, ó Filhos de Zeus, achar que tão baixo homem me fazia companhia?

THEO — Fomos incautos, estimado Sid. E, por mais maltrapilho que alguém seja, deve ser tratado com dignidade. Até os vermes do esgoto merecem compaixão.

SID — E no entanto, confrade, agora mesmo foste rude com o verme mandando-o ir embora com a garganta seca.

THEO — Ele estava mentindo, queria uma latinha para usar droga. Mal sabe ele que também se pode usar droga utilizando-se desta garrafa que lhe ofereci. Eu até lhe ensinaria como se faz, se ele perguntasse. Ser compassivo não significa tratar todos com mimos e agrados. Significa antes compreender a condição do outro, que, assim como todos nós, está tão somente em sua busca pela Felicidade. Apenas erra o caminho porque está cego de ignorância. Agora, não serei eu quem pegará em sua mão e o levará para uma vida de virtude. Ele terá de fazê-lo sozinho, por vontade própria. Enquanto isso,

merece mesmo ser tratado com dureza e experimentar sofrimento, do contrário jamais irá se endireitar.

REI — Poderias ensinar o mendigo a usar droga numa garrafa de plástico, Amigo das Águias? Por onde andaste para tão ignominiosa habilidade teres aprendido?

THEO — Já fui sectário de um estilo de vida desregrado e vicioso. Apreciava vivenciar estados alterados de consciência através do álcool e outras substâncias, enquanto passava a noite conhecendo outros degenerados e com eles palrando, a formar laços falsos e efêmeros. Em poucos segundos, por ordem dada pelas substâncias, completos desconhecidos se tornavam amigos de confidências e contavam suas histórias secretas. No dia seguinte, eram mais desconhecidos ainda, e só se tratavam com afeto quando se encontravam novamente nas festas. Por algum tempo vivi assim, até perceber o vazio dessa vida e, pior, o vazio que havia dentro de mim. Toda ânsia por diversão e estados mentais alterados é expressão de uma doença do espírito. Depressão, ansiedade, carência afetiva ou o que for: algum mal funesto pulsa sob a pele dessas pessoas. Pulsa por dentro, e contudo é de casa que querem estar longe, ou, se em casa, envoltos em drogas e pessoas, com as vistas túrbidas, que é para não verem o monstro que as

espreita. Esse monstro é sua própria Dor, da qual querem escapar por meio do inebriamento.

REI — Eu jamais imaginaria que já foste assim. Vai ver o mendigo era um colega teu de outrora.

THEO — Fazes graça. Não cheguei tão baixo assim. Mas falemos de outra coisa. Sid, o que fazes tu aqui neste lugar, tu que és tão virtuoso? E por que estás aborrecido?

SID — Ó Filhos do Lácio, vim em busca de mulheres, mas sou rejeitado. O que mais me causa ódio é ver belas mulheres de mãos dadas com porcos desengonçados e homens raquíticos de baixa estirpe. Homens sem vigor, sem hombridade, hipogonádicos. O que têm essas mulheres na cabeça para preferir homens vulgares em lugar dos varões de bem? É tamanho o desvario, e a visão é de tão curto alcance, que elas nem sequer pensam na qualidade de sua futura prole. São belas e, todavia, produzem crianças feias. Lançam fora o potencial formidável de seus genes para produzirem crianças belas, fortes e sadias, em virtude de leviandades ou do simples mau gosto. Por que são tão pouco exigentes ao escolher um cônjuge? Será que se julgam produtos de pouca valia? Mas isso com certeza não é, já que muitas delas chegam a se assoberbar de si. Eu li grandes mestres da arte venusiana, e entretanto não

obtenho sucesso nessa arte sobre que Ovídio chegou a cantar. Há algo me escapando, e não sei o que é.

DAN — Filho de Zeus, é compreensível a tua queixa. Muitas mulheres, talvez a maioria delas, não sei, parecem preferir os homens inferiores, conforme nosso modo de avaliar. Mas é verdade isto: cada um tem o parceiro que merece.

THEO — Quem está só também a isso faz jus. Vê, estimado Sid, Amigo do Sol, também eu estudei os mestres do jogo: Mystery, Neil Strauss, Bad Boy, Mode One, RSD, Logun, David X, Zan Perrion, apenas para citar alguns. Digo-te de antemão: nada disso traz felicidade real e duradoura. A verdadeira bem-aventurança reside na Sabedoria de todos os tempos. Porém, se queres sucesso com o sexo feminino e, mesmo tentando, não consegues as que mais cobiças, então é nas tuas crenças que deves mexer. Muitos mestres do jogo mesmo dizem: o segredo maior está em eliminar as crenças limitantes.

SID — Qual, por exemplo?

THEO — Embora tu sejas meu amigo há muito tempo, não creio que te conheça assim tão bem para descobrir o que trazes velado no inconsciente. Mas pode ser que não te sintas verdadeiramente merecedor das mulheres notas 9 e 10. Ou então até te julgas merecedor delas, mas estás tão decepcionado que, no fundo, não as

admiras, e no fundo não queres uma delas contigo, já que as consideras soberbas e possuidoras de mau gosto. Ora, se tu te julgas um homem bom e insistes em crer que as melhores mulheres preferem os inferiores, então tu mesmo as estás afastando de ti, através do poder da tua mente. O teu inconsciente te leva a confirmar o modelo de realidade que criaste, e tu mesmo sem saber te autossabotas.

DAN — Assim é também na arte de fazer dinheiro. Se tu pensares que dinheiro é sujo, que é difícil ganhar dinheiro ou que apenas pessoas inescrupulosas são ricas, então estarás emanando para o universo a mensagem: "Não quero dinheiro", e ele então respeitará tua escolha. Sei que não é esse o teu caso, camarada, pois já possuis milhões, e a cada ano triplicas ou quadruplicas teu capital.

REI — És rico de possuíres quintilhões e ainda assim permaneces celibatário?

SID — Sim, porque levo uma vida simples, à maneira do egrégio Júlio César. Desse modo minha fortuna se oculta das vistas de todos. Mas graças a esse estilo de vida eu acumulo ainda mais riquezas e não atraio espertinhas.

DAN — Tu és exemplo de parcimônia e disciplina, ó Filho do Lácio.

SID — Obrigado, camarada, mas, antes que enveredemos por outro tópico, pergunto-lhes: quais crenças são boas para pegarmos as mulheres que queremos?

THEO — Estimado Sid, se tu queres viver como conquistador, sabe tu que essa vida é vazia e é meramente ao teu ego que estás querendo agradar, não à Natureza, nem a Deus e nem à Tradição. A Lição de Ouro, a meu ver, para o teu fito como para todos os outros é esta: *sê tu mesmo*. Empreende a busca por conheceres a ti mesmo, como aconselhou o divino Sócrates, e mantém a congruência entre o que és e as tuas ações. Dessa maneira, tudo que fizeres te sairá natural. Sendo natural, haverá confiança, conforto e desembaraço, tudo o que mais atrai qualquer mulher. Então, se sentires real vontade de abordar aquela dali, de dizer isso ou aquilo, e estiver isso de acordo com tua natureza, então a abordagem será sincera e transmitirá conforto e prazer, e o alvo do teu desejo te desejará. Mas, se ela não te desejar, é porque não era mesmo para acontecer.

SID — Sábio conselho, Amigo do Sol. Tu és comedido em relação às mulheres. Queres uma, e apenas uma, que enriqueça tua vida, mas tua vida já é tão exuberante e esplêndida por tua iniciativa própria, que tens dificuldade de encontrar alguém. O nosso amigo Dan, ao contrário, possui um harém de "amigas", vive

rodeado de mulheres com todos os tipos de beleza. Modelos, atrizes e ninfetas na flor da idade. Leva-as a passeios em seu iate e em alto-mar as banha de champagne, como vencedor de Fórmula 1. No salão de sua casa, toca e canta ao piano e as deleita com suas músicas. Elas verdadeiramente te amam, maldito sedutor! E não é só por causa da tua grana. Conta-me, ó Filho de Vênus: como fazes isso?!

DAN — Se algumas mulheres me amam, é porque eu as amo a todas primeiro. Busco ser o que sou e, em adição, nutro pensamentos bons acerca do gênero feminino. Além disso, para onde vou levo comigo esta crença: mereço as melhores garotas. Elas me dão tudo o que podem e querem, e em contrapartida eu lhes dou meu amor, meu carinho e meu respeito. Forneço-lhes bons momentos, porque gosto de vê-las felizes, e elas me agradam de volta com afeto, conversas amenas e bom sexo. Se querem se deitar ao meu lado inocentemente apenas para fazer-me confidências, eu as escuto e acolho. Se querem ir embora, abençoo sua partida.

SID — Inacreditável, estimado Dan! Além desse amor e dessa liberdade que tu dás a elas, que crenças mais tu comportas? Dá-me conselhos mais práticos.

DAN — Tu és pragmático, preferes regras e receitas. Posso tentar elencar algumas, para teu uso, mas não sou muito versado nisso. Vejamos... A) Procura ter

espírito de *liderança*. Para isso deves simplesmente saber o que queres, estar seguro de ti, através da aceitação plena de quem tu és, e pensar no bem-estar dos outros na hora de tomar uma decisão. B) Sê *desapegado*; dá a ti mesmo a liberdade de não sentir falta de ninguém. Isso tu obterás ao ter uma vida plena e completa, cheia de projetos, trabalho, hobbies e hábitos saudáveis, o que tu já tens. Inclusive, quero que me fales sobre tais hábitos depois. C) Constrói para ti uma vida *interessante*. Como queres atrair mulheres e ter do que conversar com elas sendo um sujeito tão pacato? O nosso amigo Theo pode se dar ao luxo de levar uma vida mais branda, dedicada à contemplação e aos estudos, quando não está trabalhando em suas empresas. Porque ele não sente o desejo de ter várias amantes. Mas nós não. Se quisermos abundância em mulheres, temos de ter uma vida mais interessante, por assim dizer. Interessante para elas. Mulheres gostam de sentir emoções fortes, Amigo da Luz.

SID — Compreendo, Luz dos Sábios. Agradeço as recomendações, mas parece-me ser esse um modo de vida bastante caro.

THEO — Caro e frívolo, não? Quão produtivo pode ser um homem que tem cinco, dez, vinte mulheres para administrar?

DAN — De fato, gasto mais do que gostaria para dar-me esse regalo. Mas pretendo em breve escolher uma só boa mulher e tomá-la como esposa.

REI — Não gastarás ainda mais então, caro Dan?

DAN — Pelo contrário, estimado Rei. Uma boa mulher faz é ajudar o homem a elevar-se; não quer sugar-lhe as riquezas, mas enriquecer junto com ele. Gastaria mais, sim, se escolhesse mal a parceira.

REI — E como saberás tu que tua escolhida, além de formosa e perfumada, também possui virtudes?

DAN — Por seu modo de agir. Observarei seu modo de tratar a mãe, os irmãos e, principalmente, o pai, que mulheres que têm problema com o pai em geral não são boas: projetam a figura do pai sobre os outros homens e criam conflitos. Dessas quero distância. Também observarei como se relacionam com a comida e o dinheiro. Afasto-me das glutonas, que são ansiosas e potenciais obesas, e das que amam comprar coisas, que são inseguras e loucas.

REI — Teu padrão de qualidade é elevado, confrade! Queres uma dama de extremo valor.

DAN — Com efeito. Mas sei que todos temos defeitos e precisamos nos adaptar uns aos outros. Às vezes podemos corrigir alguns vícios da pessoa amada, ensinar-lhe nossas virtudes, porém alguns vícios vêm no sangue, e estes não podemos corrigir. A perfeita não

encontrarei, sei disso; apenas quero aquela que combine comigo.

THEO — Ilustres Almas, já falamos demais nesse assunto, e já nele encontro enfado. Se for da vontade de todos, passemos a outro tópico. Há muito mais para se discutir e a noite ainda é infante!

DAN — É verdade, caríssimo Theo. Falar sobre mulheres anima o coração de qualquer sujeito, mas entre nós o tema já se encontra superado, acredito. Passemos ao tópico que seria a consequência lógica de se estabelecer um propósito elevado para a vida.

SID — E que tópico seria esse?

THEO — Já imagino qual seja.

DAN — O da vida saudável!

REI — Quanto mais vocês falam, mais se tornam estranhos ao ambiente. Eu ficarei aqui ouvindo, que esse papo de vocês está parecendo aqueles cursos caros da internet. Aqui faço o curso de graça e ainda vendo meus produtos.

DAN — É claro que ficarás, Rei. E, se não estivesses vendendo, ajudar-te-íamos nisso, chamando o público.

REI — Era só eu te dar o meu cachimbo ou tu me dares o teu chapéu, que daí o ridículo faria a sua parte, chamando os olhares!

DAN — De qualquer maneira, já estamos chamando atenção por nossa beleza e sobriedade. Pois bem! Creio que o camarada Sid careça de um retrospecto do que falávamos antes de ele chegar, sobretudo porque agora ele será o nosso mestre. Estimado Sid, iniciamos a conversa perguntando como surge a evolução pessoal. Concluímos que a evolução começa quando arde no indivíduo o desejo de crescer e ele descobre o seu propósito. Sem propósito, naturalmente, ele não teria um caminho a seguir. Agora, definido o objetivo, seja tornar-se um grande empresário, seja tornar-se um grande artista, ou os dois a um só tempo, tem o indivíduo de adaptar-se à sua ambição. Se ele quer ser grande, deve agir conformemente. Como poderá saltar da cama, quando o Sol emitir seus primeiros raios, se tiver uma compleição física minguada? Como poderá manter-se constante em seu arbítrio, se suas emoções forem instáveis? E como poderá superar a dor, e até mesmo amar a dor, dos desafios, se sua mente estiver mergulhada em pessimismo? É evidente, pois, que o Vencedor precisa ter em equilíbrio estas duas coisas: o Corpo e a Mente. Tu, ó Águia Romana, que dentre nós és o único que nunca se desviou do caminho da virtude, tendo sempre levado uma vida saudável desde os primeiros gemidos da infância, que nunca sentiste o sabor do álcool, nem o estupor das drogas, nem a fumaça

do cigarro, conta-nos o que fazes para manter o teu vigor e o teu porte físico divino.

SID — Com efeito, Amigo da Luz, sem disciplina o homem está fadado a ser um nada, mais um ruminante na multidão. É preciso ter disciplina. Se o sujeito tem um objetivo e tem vontade, ele naturalmente terá a disciplina de um soldado. Como disse Nietzsche, devemos afirmar ao máximo a nossa Vontade. O problema de muitos homens é a falta de Vontade, o que os torna um bando de molengas. Primeiro de tudo: devemos cultuar a boa alimentação. Ora, imaginem vocês, camaradas, se fossem proprietários de cavalos de raça. Dariam para eles, como alimento, a melhor ração ou a pior? A melhor, por óbvio. Da mesma maneira, tudo o que ingerimos deve ser selecionado com esmero para nos dar energia e saúde. Aqueles que compõem o gado, cujas vidas são conduzidas pelo arbítrio dos poderosos, vivem para trabalhar para os outros e, como não experimentam, nem conhecem, o simples prazer de viver, pois não vivem para si, buscam então prazer onde podem – na ração. Enxergam, portanto, o alimento como um *fim*, o prêmio do labor suado, quando na realidade o alimento é um *meio* para se ter boa saúde. A alimentação deve ser o mais naturalista possível; rejeitem tudo o que vier de fábricas e laboratórios, sobretudo o açúcar e o glúten. Acredito mesmo que, apenas reduzindo-se drasticamente esses

dois últimos, já se terá melhorado uns setenta por cento. No entanto, nem toda regra se aplica a todo mundo, de modo que o ideal é que cada um aprimore, aos poucos, a própria alimentação conforme o que for melhor para si.

THEO — Tuas palavras contêm verdade, estimado Sid. De fato, as dietas variam, mas o comer bem é um só. Eu, por exemplo, como muito mais carboidratos do que tu, e todavia pareço ter menos gordura corporal. Agora fala-nos dos teus hábitos matinais, logo que desponta o Sol. Aliás, quem acorda primeiro: tu ou a estrela?

SID — Eu acordo logo depois que amanhece. Salto da cama, alongo-me e faço o meu HIIT, exercício de alta intensidade. É uma maneira de se potencializar pela manhã para continuar bem o resto do dia. Depois, apronto-me e saio em jejum. Apenas no almoço me alimento.

DAN — Já eu, assim que me levanto da cama, emito um grito de vitória. Assim inicio meu dia com uma energia de Poder, por cuja influência sou permeado até a hora de deitar-me de novo. O que fazemos nas primeiras horas do dia é como o começo de tudo, de um novo ciclo, por isso o ritual potencializador deve acontecer nessa primeira hora.

REI — E além de pagar de doido acordando os vizinhos, o que mais fazes, Dan?

DAN — Eu ponho a tocar alguma música inspiradora e, ouvindo-a, me imagino na posição mais elevada que almejo ocupar. Ao fazê-lo, torno-me esse homem e sinto o que ele sente. É nesse momento que, antes de alimentar o corpo, no desjejum, eu alimento a alma, com as boas vibrações produzidas pela mente. As atividades físicas também as realizo, mas à noite e na academia, puxando ferro.

THEO — Também é pela manhã que eu me potencializo. Quando chega a hora, eu me levanto de um salto, sem relutar, pois com isso já indico a mim mesmo que tenho um dia excelso pela frente. Meu banho é gelado, que desperta as células do corpo. Saio do chuveiro com energia revigorada e desejando lutar uma guerra. Alimento-me com esmero, sempre com refeições predefinidas, para que eu não perca tempo nem gaste energia tomando decisões logo pela manhã. O início da manhã é sagrado, bem como o fim do dia. Sabem vocês que os rituais que antecedem o sono são tão importantes quanto os que o sucedem. Sem cuidar para reduzir as atividades mentais, relaxar o corpo e prepará-lo para o sono acolhedor, que será de nós na manhã seguinte? Decerto sacos de carne se arrastando. Assim, os rituais da noite são tão importantes quanto os da alvorada.

DAN — Com efeito, Magno Voador. E tuas atividades físicas, quando as exerces? Vejo que, de

tempos para cá, teu porte desenvolveu-se tanto que poderiam facilmente te confundir com um filho de Zeus.

THEO — Exerço-as à noite, Amigo da Luz. Embora a atividade aeróbica seja regada de bênçãos, é à musculação que me dedico. Esta contém uma dádiva prodigiosa: a aparência dos deuses. Poucas almas sabem o que é sempre ter um gozo ao passar diante do espelho. Este objeto simples se torna fonte de inesgotável prazer: olhar-se e ver-se digno de um deus. O porte altivo faz de quem o possui também altivo. Andar pelas ruas e por todos os lugares como a cavalgar um Pégaso – ou sendo o próprio Pégaso –, sabendo encontrar-se em patamar superior, aquele reservado à Beleza e ao Brio, e sabendo estar a servir a cidade ao embelezá-la. Além disso, meus irmãos, é sempre novo o encantamento da Beleza. Todas as noites, vocês o sabem, quando olhamos para a Lua, ela é bela e nos deleita. E se a contemplamos mil vezes, mil vezes ela é bela e radiante. E assim também com o pôr do sol, e o verde das matas, e o horizonte azul estendido, e com todas as outras belezas da Natureza, dentre as quais figura o corpo esculpido do varão.

DAN — A beleza, de fato, sempre contenta. Quando estou com uma amante e ao pé da cama tiro a camisa para deitar-me a seu lado, ainda que eu já a tenha visitado outras vezes, ainda assim ela se apraz de ver meu físico e solta os mesmos gemidos de prazer da

primeira vez. Ao manobrar minha lancha por águas serenas, eu me sinto como um gladiador surfando sobre seu carro de batalha. Até mesmo para a vida profissional o porte robusto tem valia, pois engendra uma autoconfiança que nos traz sempre tranquilos.

SID — Sim, ter um porte físico robusto tem todas essas vantagens, mas de qualquer maneira é vergonhoso para um homem passar pela vida sem conhecer o máximo vigor e a máxima beleza de que seu corpo é capaz. Acho que essa é a única lição socrática que carrego comigo.

REI — Vocês estão certos, a pujança tem um valor imenso. Mas vejam aquele velho: ainda que ele tivesse se entregado aos ferros da academia desde a mocidade, seus cabelos se tornariam brancos, e sua aparência, decrépita. O Tempo corrói tudo. Porém, isso é até bom, por outro lado, porque ninguém se lembrará das safadezas e sem-vergonhices que fizermos por aí. A lembrança pode durar dois dias como dois séculos, que diferença faz? A memória do herói e a do mendigo caem no abismo do esquecimento igualmente – com a única diferença que a do herói desce de paraquedas. Ser esquecido! Não é libertador? É um princípio que levo comigo. Comigo mesmo, não com os cigarros. Ora, se no fim das contas tudo cairá no esquecimento, por que me privarei de fazer o que quero, por mais que receba olhares tortos? Claro,

nobres amigos, eu não sou um parvo. Minhas atitudes têm a medida da ética, talvez até da etiqueta. Viver bem envolve viver de acordo. Não me sinto livre para sair pelas avenidas despojando-me das roupas e pelos bares assediando as garotas. Contenho as minhas sandices na camisa de força. O que quero dizer é: a vida é curta para nos preocuparmos demais com o que os outros pensam de nós e com os modos de vida convencionais.

DAN — Tu pulaste de um assunto para o outro com a astúcia de um jornalista. Mas disseste muito bem, Amigo da Luz. Que prisão não é a nossa própria mente, quando agrilhoada por padrões e injustificados temores? Já me vi de frente de uma plateia escassa, para apresentar um produto, e me senti tomado pela ansiedade daqueles que enfrentam o perigo. No entanto, onde o perigo se apresentava? Na minha própria mente.

THEO — Embora tu não sejas, ó Arguto Ambulante, um *jivan mukta*[2], tu já és bastante liberto nesta vida. Vê-se por teu desembaraço e conforto na maioria das situações. A liberdade é multifária, cada um a vendo a seu modo particular. Os marxistas querem se libertar da exploração; os anarquistas, da associação compulsória; os liberais, da sobrecarga do Estado; os suicidas, do próprio mundo; os cientistas, do insabido; os

[2] Indivíduo que se iluminou em vida.

filósofos, da dúvida; e os artistas, do imperfeito. A liberdade assume diversas formas, mas apenas uma é verdadeira: a liberdade do espírito. Sendo livre em tua mente, em qualquer lugar e qualquer situação em que te encontrares, continuarás experimentando a Paz indelével. Isso independerá, também, da tua idade. Assim, o mesmo giro que tu deste para transmutar o tópico anterior no presente dou-o eu agora em sentido contrário, para voltar ao tema da velhice, que havias iniciado.

REI — Fica à vontade, Amigo da Luz, para empreender teu giro de retorno. As águias, afinal, não é sempre reto que voam.

THEO — Tu disseste que o Tempo, esse glutão insaciável, destrói a beleza inevitavelmente. É verdade: desde o alvorecer da vida, a inocência da infância termina na adolescência, e a beleza da mocidade finda na velhice. No entanto, não tem a velhice também as suas vantagens, das quais carece a juventude? E não tem, assim, cada momento da vida a sua beleza e a sua fortuna? Tu deves aproveitar as vantagens de cada estação da vida. Enquanto jovem, treina o corpo e alça-o à compostura divina, pelos motivos já expostos, acrescentando mais este: tua velhice será mais saudável quanto mais comedida for a tua juventude. A temperança é o preço da boa velhice.

REI — E quais são as vantagens da velhice, Amigo das Águias?

THEO — Ora, isso dá matéria-prima para um diálogo inteiro só sobre isso, como o fez Cícero em *Saber Envelhecer*.

REI — Usa então teu poder de síntese para nos expor parte dessa matéria. O Dr. Enéas disse que três minutos lhe seriam suficientes para acabar com as eleições presidenciais – sendo ele o vencedor. Quantos minutos te bastariam agora?

THEO — Nem dois, Alma Infinita. Mas opto por não limitar-me e discursar à vontade, pois enquanto o Dr. Enéas queria vencer tão somente as eleições para presidente, eu quero vencer algo muito maior, que é a ignorância. Em primeiro lugar, se a juventude tem os dons da força e da beleza, a velhice os tem da autoridade e da sabedoria. A força do velho reside então na sua autoridade, e a beleza nas suas palavras. No entanto, da mesma forma que um jovem displicente tem a força de uma garota, um homem devasso chegará à velhice completamente debilitado. Se levar uma vida saudável, chegará à velhice com pujança mais do que necessária para se tornar muito poderoso. No diálogo de Cícero, Catão fala de como os idosos podem ter grande influência na política, ao conduzir os negócios do Estado tanto no que diz respeito a questões domésticas quanto

no patrocínio de guerras. Como atualmente os negócios mais importantes não são os do Estado, mas os do Capital, eu diria que a argúcia do idoso poderia servir igualmente nessa seara. Tendo já obtido muita experiência e reinando sobre seu próprio império comercial, ele seria capaz de gerir empresas cada vez maiores, com sabedoria, e criar parcerias bilionárias. Poderia fazer o dinheiro trabalhar para ele e viver como lhe apetecesse, e isso ainda que não quisesse ser rico. Poderia, sem dúvida, influenciar a política e, se quisesse, tornar-se ainda mais poderoso. Por outro lado, se estivermos falando de um artista ou de um filósofo, é nessa idade que lhe saem as obras mais ricas e maduras. Que mais se poderia desejar? Mas ainda há o que para mim é a melhor parte. Deixei-a de propósito para o final.

REI — Dize-a, Amigo da Luz, que já me fazes quase querer ser velho!

THEO — A meu ver, o maior benefício da idade avançada é o arrefecimento dos desejos, especialmente o sexual. Não há escravidão mais severa que a engendrada pelos apetites em chamas. Um homem faminto de sexo é capaz de tudo, e ao mesmo tempo seu raciocínio se turva para os labores da alma, assim como o seu discernimento. Não tem paz enquanto não saciar seu insaciável desejo. Feliz do homem que logrou dominar-se e se entrega somente aos prazeres do espírito. Na velhice

não padecemos mais desse problema. A chama dos apetites se aplaca e nos permite viver uma vida mais voltada para as coisas do alto.

SID — Sim, mas isso não acontece com todo velho.

REI — Certamente! Meu avô mesmo foi um garanhão até o fim! Casou-se aos vinte e dois anos e desde então passou a colecionar amantes. Quando estava nas últimas, no hospital, pedia as enfermeiras em casamento e lhes oferecia dinheiro para acariciá-lo. Morreu de pau duro pensando na esposa. Nunca vi nada mais romântico! No seu velório, me arrependi amargamente de não ter levado minhas mercadorias: quantas viúvas! Havia putas, namoradas, amantes das namoradas e amantes das amantes, todas se solidarizando pelo amor que era morto. Enquanto todos lhe jogavam flores, eu me aproximei do caixão e, fingindo choro e lágrimas, subtraí-lhe um dos anéis, um que trazia no dedo mindinho. Quando vi aquelas amantes todas, é óbvio que eu não sairia dali sem levar comigo ao menos uma parte do defunto, que me servisse de amuleto.

DAN — Excelente história, Rei! Teu avô foi um sedutor nato. Muitos gostariam de ser como ele. Ainda assim, sempre haverá aquelas que o marcaram por ele não ter conseguido comê-las. Como o sábio Theo disse, o desejo é insaciável, infinito, e escraviza para sempre

aqueles que se permitem escravizar por ele. Mas e o amuleto, funcionou?

REI — Só sei que ele comeu muita gente... O amuleto eu nem sei se funcionaria, eu o vendi logo. Era um anel bem bacana! E eu nunca acreditei mesmo nessas coisas de amuleto.

DAN — Comeu muito e no entanto morreu faminto! Que diferença faz para aqueles que comeram pouco? Melhor é buscar a completude em si. Quanto ao anel, pelo menos teve melhor uso do que se tivesse sido enterrado com o defunto.

REI — Tu falas em autocompletude mas completas tua vida com iates, champanhe e mulheres.

DAN — Ainda tenho muito a evoluir, confrade, não o nego. Mas, se eu posso fazê-lo, por que não?

THEO — De fato, caros amigos, nem todo velho se aquieta. Alguns levam a concupiscência junto consigo até o caixão. De minha parte, eu não entendo como pode ser feliz um homem que está constantemente subjugado por seu desejo de carne feminina, o qual, uma vez existindo, sempre se renova.

SID — Um homem assim é como um asno a sempre correr atrás da cenoura que lhe está amarrada à cabeça.

THEO — Eis o motivo por que eu estimo tanto o estoicismo, esta grande conquista do pensamento ocidental.

REI — Fala-nos, pois, disso que dizes estimar tanto, Amigo das Águias, para que venhamos a estimá-lo também – na proporção em que fores eloquente.

THEO — O homem que lograr viver à maneira do estoico não sofrerá essas dores da carne que sempre deseja e cuja fome o mundo inteiro não mata. Talvez por eu ser jovem, dou especial atenção à volúpia, que tantas vezes encontro agarrada à minha sombra, como se fizesse parte de mim. Mas poderia dizer de outras coisas mais comuns, e tão incômodas quanto, como os hábitos de criar expectativas e de reclamar, o pessimismo, o medo, a demasiada importância dada a coisas pequenas etc. Desses vícios, o pessimismo é, por sinal, o único que ganhou um certo glamour, por ser comumente querido dos filósofos e parecer, portanto, se fundar em boas razões. Mas ser pessimista é a maior tolice que se pode fazer. E o motivo é simples: como se vem dizendo por aí, *o mapa não é o território*. Se se adotar para a vida uma chave de interpretação pessimista, então todos os acontecimentos terão um sabor amargo e um cheiro de defunto. Se a chave de interpretação mudar, por um simples ato mental, para um paradigma otimista, então as cores do mundo se acendem novamente com beleza e

harmonia, e tudo parece sorrir. As duas formas de ver o mundo estão corretas, embora o pessimista julgue que sua forma é a mais racional. A meu ver, é a mais irracional possível, porque, se eu posso focar no que há de melhor nesta experiência de vida, e sendo isso fator de aumento da minha felicidade, eu o farei com certeza. O pessimista simplesmente escolhe ser um miserável.

DAN — Com efeito, Luz dos Sábios. O pessimista me parece tão insensato quanto aquele que é otimista demais. Onde o pessimista só vê espinhos, e o otimista só vê pétalas a brilhar, eu vejo um roseiral cuja colheita me renderá lucros. Devemos ser *otimistas realistas*, que assim nos lançaremos para a ação confiantes em que obteremos sucesso, porém levando na mochila a prudência e o planejamento.

THEO — Os chamados estoicos tardios sabiamente elegeram o otimismo como um valor do homem de bem. Temos de ser como um rinoceronte bravio que passa por cima de tudo quando quer alguma coisa: *o obstáculo no caminho é o caminho*, dizia o santo imperador Marco Aurélio, e nosso chifre de rinoceronte deve eliminar os obstáculos passando reto sobre eles.

DAN — Além de tudo, uma vida sem problemas não tem graça. O ser humano é movido por problemas e desafios. Quem não tem problemas concretos inventa alguns, ou encara o tédio frente a frente. O negócio não é

desejar que os problemas não existam, mas sim escolher com quais tipos de problemas se quer lidar. Aí sim o sujeito poderá até dizer que os problemas lhe trazem felicidade.

SID — Concordo, camaradas. Os romanos eram otimistas, devemos ser como eles. E os problemas são, de fato, parte essencial da vida. Mas estamos caminhando já para outros assuntos; gostaria de retornar lá onde o Theo iniciou sua exposição do estoicismo e pedir-lhe que resuma essa doutrina em um único preceito.

THEO — Não sou especialista no assunto, e, se perguntado novamente em outro tempo, poderá ser diversa a resposta, mas assim responderei hoje: que o estoicismo consagra a conformidade da mente e do corpo com os ditames da natureza e da razão.

SID — Nossos corpos já são bem cuidados, isso é evidente, e já falamos disso. Mas como é cuidar da mente?

THEO — Cuidar da mente envolve eliminar ao máximo as suas limitações autoimpostas. Estas são engendradas pela própria inteligência do sujeito, e por ela própria podem ser eliminadas. Envolve também praticar o domínio das emoções. Por um esforço consciente, podemos empreender a chamada transmutação mental, focando no que se quer. Se tu estiveres ansioso, por exemplo, respira fundo algumas

vezes, fecha os olhos e imagina-te em pura paz. Sente que a paz te está preenchendo e sente que tomaste posse dessa paz suprema. Faze-o todos os dias e verás resultados rápidos, procurando sempre manter esse estado interior. Se dermos abertura, os pensamentos e sentimentos ruins chegam e se apossam de nós. Afastemo-los! Nós temos o poder de controlar nossas emoções, como os atores, que escolhem quando querem rir ou chorar. Nós temos a mesma habilidade. Quando vier um sentimento negativo, transforma-o no positivo correspondente: a isso os iogues deram o nome *pratipaksha bhavana*, e os hermetistas, de transmutação mental. É uma técnica também utilizada na PNL, devo dizer – pois sei que não te afeiçoas ao Místico.

REI — Essa técnica parece ser a mesma coisa da fórmula da criação, mas aplicada para os sentimentos do próprio sujeito. É por isso que o Dan gosta de ficar em casa pensando que é Napoleão!

DAN — És um brincalhão mesmo, Rei! Vejam, confrades, essa técnica eu também aprendi em meus estudos de PNL, e funciona muito bem. Eu a apliquei há muito tempo para sentir-me vivendo em abundância de mulheres. Embora na época isso não fosse verdade, de tanto me empenhar em sentir-me nesse estado, eu passei a me comportar exatamente como se fosse um xeique cheio de namoradas.

THEO — E hoje é assim que vives, Alma Infinita. Trata-se de uma técnica esplêndida, com efeito. Há incontáveis práticas de que podemos lançar mão em ordem para tornar nossas mentes mais serenas e nossas vidas mais exuberantes. No entanto, falar de todas aqui seria loucura, pois é exíguo o tempo. Falemos, então, apenas de mais uma dessas práticas.

REI — Fala de duas pelo menos! que tua língua não cairá por isso.

THEO — Que seja, Amante da Luz! Falemos de três então, que é um número mais auspicioso. Pois bem... Tudo o que consumimos afeta o nosso corpo de certa maneira. Se consumimos veneno, podemos passar mal e até morrer. Se comemos maus alimentos, nos tornamos fracos e flácidos. Se bebemos etílicos, nosso entendimento se enturva. Todos sabem que tudo o que ingerimos nos afeta diretamente. No entanto, poucos se lembram de que tudo o que o nosso espírito consome também nos afeta diretamente, como filmes, canções, poesias, imagens e discursos. Desse modo, é de suma importância selecionar aquilo que vemos ou ouvimos, para não enviar estrume para nossas mentes. Canções pop e filmes de Hollywood, especificamente, são como veneno para a alma. Tais produtos criam homens apaixonados, afeminados, concupiscentes e estúpidos, e mulheres promíscuas, soberbas, misândricas e frustradas. Também a

pornografia é puro veneno, pois torna os homens ansiosos, infunde-lhes fobia social e depressão e lhes suga todo o vigor e virilidade.

SID — Sim, a pornografia é uma das maiores desgraças que já recaíram sobre o gênero masculino. Estão todos viciados. Assim que parei de consumir, senti as mudanças acontecerem. Em pouco tempo me tornei mais confiante, mais sociável e me senti com mais energia. Executei projetos que estavam na gaveta e me aprimorei em todas as atividades que realizo.

DAN — A pornografia em si não parece ser o problema, mas a masturbação. A pornografia apenas fomenta esse vício. Não adianta nada parar de assistir a materiais pornográficos e, ainda assim, masturbar-se todos os dias. A energia vai para o ralo da mesma maneira.

REI — Essa foi boa, Dan! Mas parar de se masturbar é difícil demais! Tu o conseguiste?

DAN — Ora, para quem faz sexo regularmente, é fácil, e até nos torna melhores amantes. Minhas amigas se impressionam com o meu ímpeto, com a minha fome. Eu as pego sempre como se fosse a primeira vez, mergulho em suas carnes com sofreguidão e luxúria. Depois que parei de me masturbar, e no início confesso que foi difícil, comecei a ver as mulheres com outros olhos. Elas passaram a ser mais atraentes para mim, eu percebia

cada mínimo traço de feminilidade. A voz, a pele, o andar, tudo que era feito ao modo feminil me chamava a atenção com muito mais intensidade agora, como se eu vislumbrasse um novo aspecto da realidade que antes me era oculto. As luzes da feminilidade se acenderam para mim. Por outro lado, minha masculinidade também recrudesceu, tornando-me mais viril e imponente. Parar de se masturbar requer grande motivação. Tu não o conseguirás só porque estamos falando para fazê-lo. É preciso grande força de vontade, para que tu digas a ti mesmo: determino que a partir de hoje não me masturbarei mais! E, melhor ainda, para o dizeres no positivo, desse modo: determino que a partir de hoje praticarei a retenção seminal. Tudo o que ordenares para ti ou para os outros procura dizê-lo no positivo. Porque as palavras levam ideias para a mente. Se disseres "não me masturbarei", tua mente captará a ideia de se masturbar. Se, porém, disseres "retenção seminal", então é isso que te ficará guardado. Atenta-te bem a isso, confrade, que obterás sucesso em tudo que te propuseres.

REI — Compreendo bem o que dizes, Dan. Agora, na prática, além de ter motivação, que ardis empregaste para conseguires te livrar do hábito de tocar uma?

DAN — Em primeiro lugar, tu deves te determinar, assumir o compromisso. Determina que praticarás a retenção seminal ou a conservação da

energia. Depois elimina a tua identificação com o ato, imaginando como se a prática da masturbação não fizesse mais parte da tua vida. Imagina-te como um homem virtuoso, detentor de autodomínio e cuja energia se canaliza para atividades produtivas. Depois, elimina do teu entorno os estímulos que houver que instiguem tua imaginação lasciva. Sai de grupos nas redes sociais que compartilhem imagens e vídeos provocantes. Aliás, cuidado com as redes sociais, elas estão lobotomizando os homens. É preferível não as usar, ou então fazê-lo com moderação, para não ser escravizado. Quanto tempo da vida não é perdido em *timelines*? Até ficar sentado sem fazer nada parece mais produtivo, uma vez que assim o sujeito pode pelo menos se entregar um pouco à reflexão. No início será difícil manter tua mente limpa, porque tu deves estar acostumado a te deixar imaginar cenas eróticas onde tu mesmo és o protagonista. Provavelmente tu vais perder algumas vezes e cair em tentação, mas jamais sintas culpa. Este sentimento é um dos mais perniciosos que existem. Tem sempre em mente que és um ser humano e que, portanto, a busca por prazer é natural. Algo que te ajudará a evitar a tentação é fazer atividades físicas, tomar banhos gelados, preferir a companhia de homens virtuosos e meditar. De qualquer maneira, se tu quiseres, vais conseguir ao menos

diminuir a frequência com que te masturbas, o que já é excelente.

REI — Sem dúvida, meu caro retentor de sêmen. Certamente seguirei teus conselhos. Agora dize-nos, Theo, quais são as outras duas práticas no cuidado para com a mente.

THEO — Direi logo a principal delas, antes que o assunto voe para longe demais, como periga acontecer, e eu assim perca a oportunidade de dizê-lo. Trata-se, nobilíssimos confrades, da Meditação. De todas as práticas que abordamos até agora, esta é, em minha opinião, a mais importante e benéfica. Ela possui benefícios notórios e cientificamente comprovados. Possui efeito maior que potentes ansiolíticos e antidepressivos, sem os efeitos colaterais. Fortifica o sistema imunológico, aprimora o raciocínio, robustece a memória e aumenta as taxas de testosterona, esse hormônio que ergue civilizações. Há diversos outros benefícios que a ciência experimental descobriu na Meditação, basta procurar os estudos. Mas há ainda outros que eu posso confirmar para vocês, que fogem do campo da objetividade. A Meditação promove uma sensível ampliação da consciência e da intuição. É como se passássemos a ver o mundo com maior nitidez. Isso inclui perceber melhor as belezas da natureza, as emoções das pessoas, as energias dos ambientes e até a si

mesmo. Depois de um tempo praticando a Meditação, passei a perceber melhor as minhas próprias emoções, como se eu estivesse olhando meus comportamentos em terceira pessoa. Comecei a perceber quando eu agia por sentimentos sutis de raiva, medo, apego etc. Isso é fantástico para aqueles que empreendem a magnífica caminhada do autoaprimoramento. Quando o sujeito percebe o que está sentindo, ele tem melhor base para saber onde deve trabalhar em si, como se tivesse mais clara visão do território onde o combate interior está sendo travado. Ao aquietar as ondas mentais por meio da Meditação, o interior se torna mais silencioso e, na mesma proporção, o exterior mais audível. Daí podermos sentir melhor não só as emoções dos outros como todas as outras percepções, inclusive as intuitivas e espirituais. Também obtive um sensível aumento no meu autocontrole, tornando-me, por conseguinte, ainda mais racional.

SID — Sim, eu já li sobre os benefícios da meditação, mas ainda não comecei a praticá-la. Devo abrir um espaço na minha agenda para fazê-lo. Que horário tu recomendas? Em qual postura? Devo silenciar todos os pensamentos? E por quanto tempo, Filho de Zeus?

THEO — Quando eu te disser, tu acharás que estou brincando, mas a verdade é que meditar é mais

fácil do que parece. Permite-me, todavia, começar fazendo uma pequena observação preliminar: o verdadeiro estado meditativo, onde em nada se pensa e a mente se põe límpida e muda, não é tão fácil de alcançar. Quando sentamos em meditação, estamos na verdade apenas nos concentrando, e não meditando no sentido estrito. Porém, esse simples ato de sentar-se em silêncio já engendra todos aqueles benefícios de que falei e sobre que tu leste. Então, meditar, no sentido em que comumente se emprega a palavra, é tão somente isto: sentar-se em silêncio. Não há quase regra nenhuma. Tu o podes fazer em qualquer horário, em qualquer posição que julgares cômoda, desde que não seja uma que dê sono, e por quanto tempo desejares. Mas existem dois horários especialmente amenos para essa prática: à noite, antes de dormir, em que já se aproveita para reduzir a atividade cerebral e ter uma melhor noite de sono, e antes de nascer o dia, quando todos ainda dormem, no chamado *Brahmamuhurta*, a hora de Brahman. A hora de Brahman é mais ou menos entre 4h e 6h da manhã. É considerada uma hora sagrada e especialmente boa para a Meditação. Nesse momento do dia, a concentração de oxigênio no ar é maior, então sem dúvida é melhor para o cérebro meditar nesse período. Eu medito à noite, antes de dormir, mas muitos gostam de fazê-lo pela manhã, para que a paz desse momento se transmita às horas

seguintes do dia. Quanto à postura, apenas escolhe a que seja mais confortável para ti, de preferência pondo-te sentado ereto e de pernas cruzadas. Naturalmente evoluirás para uma postura mais adequada, bem como para uma mais adequada respiração, na medida em que fores estudando o assunto e te acostumando à prática. Quanto à quantidade de tempo, isso pouco importa. Começa meditando por dez minutos. Se achares muito, faze-o por cinco. Tu que és disciplinado não terás problema, por certo. Depois, tu quererás por ti mesmo meditar por mais e mais tempo, porque é uma atividade gostosa e benfazeja. Tu podes também buscar áudios de meditação guiada, que são ótimos para quem está começando.

DAN — Excelente explicação, Amigo da Luz. Não poucos mestres do desenvolvimento pessoal aconselham a Meditação. Gabriel Goffi mesmo, tão moderno e tão despojado que é, a pratica, e o implacável Tony Robbins também. Agora conta-nos, ó Amante da Sabedoria, qual é a terceira prática que tu recomendas para o aprimoramento da mente.

THEO — A meu ver, é o hábito do estudo. Mas não se deve estudar por estudar, pois que isso engendra o tédio, e o sujeito então foge para longe dos livros. Deve-se estudar o que se ama, ou, se é pouco o amor pelo conhecimento, ao menos o que instiga a curiosidade. Não

há necessidade de se estudar incansavelmente a fim de se tornar um metafísico profundo ou um consagrado romancista, mas apenas ter o gosto por tomar em mãos um livro e sentir o prazer de tornar-se mais sábio através dele. Algo imprescindível, todavia, é o saber escrever. Ora, Magnos Voadores, enfileirar vocábulos de modo a conseguir se comunicar é algo que até chimpanzés talvez sejam capazes de fazer. Mas escrever conforme a norma culta da língua, como a consagrar uma homenagem a ela, isso é virtude das almas grandes. Nem diria aqui para vocês que se deve saber escrever bem, pois que isso requereria o elemento casual do *talento*, o que é dádiva escassamente distribuída pela natureza.

SID — É lógico que se deve saber escrever corretamente. Para mim isso é pressuposto mesmo de dignidade. Imaginem, camaradas, como seria esdrúxulo considerar elevado um espírito que desconhece o vernáculo.

DAN — Tendo a concordar contigo, Sid, embora não sonegue dignidade a ninguém. De minha parte, algo que julgo particularmente engraçado é quando o sujeito busca adornar o texto com belas flores e alfim não faz mais que despejar afetações. Isso é um pobre homem tentando infundir poesia em algo, quando ele próprio não a tem.

THEO — De fato. E esse vício é perceptível por todo leitor. Temos de evitá-lo, buscando escrever sinceros e sem vaidade; tirando do coração as palavras, da intuição, e não do puro raciocínio. Vindo do coração as palavras, o texto será cativante tal como surgir, seja ele engraçado, seja ele poético, seja ele ambos. É preciso deixar fluir, como tudo no universo.

REI — Estimados amigos, já falamos de muitas coisas, e no entanto me sinto tão ignorante quanto no início, se não mais. Cada tema abordado pode ser matéria de uma enciclopédia inteira, e não se chegará jamais ao fim. E de quantas coisas não falamos! Eu, por exemplo, gostaria de aprender sobre algumas artimanhas sociais, como as artes do carisma, da liderança, da persuasão. Queria aprender mais sobre a arte de fazer dinheiro, sobre como entender os clientes, entrar na mente deles, como construir uma imagem e criar uma rede de contatos, queria aprender a lidar com empregados, a gerir o patrimônio construído e conservá-lo. Queria aprender a tornar-me mais tolerante e mais compassivo, mas também mais forte e mais imponente. Queria aprender, enfim, a elevar-me para mais perto da Consciência Suprema. Não podemos, entretanto, abarcar tudo com uma noite só. A Lua já se cansou de nos ouvir e vai longe para o outro lado. Espero vê-los em muitas outras noites como esta, em que poderei ouvir sua

Sabedoria e transmitir-lhes também minha mísera porção. Seguirei noite afora o meu caminho, levando meus cigarros e meus doces, e pensando no que aprendi com vocês. Não lhes prometo que no próximo final de semana eu estarei aqui de novo, porque sinto que algo mudou. Sinto-me maior e mais leve, sinto que sou atraído para cima. Em breve estaremos no mesmo céu, voando juntos. Levem consigo a minha imensa gratidão, pois saio desta noite mais rico do que nunca. Fiquem com Deus.

Sobre o autor

João Marcos Theodoro é escritor, poeta e ensaísta. Formado em Direito, dedica-se ao estudo da literatura e da filosofia, com especial interesse em ética, epistemologia e filosofia política.

É também autor do *Curso Básico de Escola Austríaca* e editor do Cenaculum, publicação independente dedicada a literatura, filosofia e paleolibertarianismo.